



As três esferas do socialismo democrático

The Three Spheres of Democratic Socialism

Michael J. Thompson¹

¹ Universidade William Paterson, Wayne, Nova Jersey, Estados Unidos. E-mail: thompsonmi@wpunj.edu. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6428-9817>.

Versão original:

THOMPSON, Michael J. The Three Spheres of Democratic Socialism. *In.*: Michael J. Thompson and Greg Zucker (eds.) **An Inheritance for Our Times: The Principles and Politics of Democratic Socialism.** (New York: OR Books, 2020), p.13-28.

Recebida em 16/09/2020 e aceita em 30/03/2021.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.



Abstract

This essay charts a normative framework to defend the politics and principles of democratic socialism. It argues that the tradition of democratic socialism can be best understood as consisting of the connection of three spheres of social reality: the material, the political and the cultural. Each also possesses a respective principle that organizes them, that of cooperative interdependence, non-subordination, and self-realization. The paper ends by considering how social movements can see their own struggles in terms of the structure of these three spheres.

Keywords: Democratic socialism; Cooperative interdependence; Non-subordination; Self-realization.¹

Resumo

Este ensaio traça um quadro normativo para defender a política e os princípios do socialismo democrático. Ele argumenta que a tradição do socialismo democrático pode ser melhor entendida como consistindo na conexão de três esferas da realidade social: a material, a política e a cultural. Cada um também possui um respectivo princípio que os organiza, o da interdependência cooperativa, da não subordinação e da auto-realização. O artigo termina considerando como os movimentos sociais podem ver suas próprias lutas em termos da estrutura dessas três esferas.

Palavras-chave: Socialismo democrático; Interdependência cooperativa; Não subordinação; Auto-realização.

¹ Palavras-chave elaboradas pela equipe editorial.



- I -

O principal objetivo do socialismo é a criação de um mundo social em que a autorrealização do indivíduo é de importância fundamental - a realização de um tipo de indivíduo que valorize a humanidade e ofereça a ela progresso. O socialismo, portanto, tem como fim primário a organização de uma sociedade que seja capaz de desenvolver os poderes, as capacidades e a criatividade do indivíduo e da sociedade ao mesmo tempo. Assim, o socialismo não é a teoria de um poder administrativo estatal, nem é a teoria de uma economia estatal planejada, ou uma forma de política que esmaga o indivíduo. Não é um estado de bem-estar social hiperdesenvolvido, e nem busca abolir a liberdade em qualquer sentido concreto do termo. O socialismo tem sua origem em um desejo distinto de organizar o nosso mundo social para o bem comum de seus membros - o maior bem de cada membro sendo a sua própria autorrealização e esta autorrealização sendo, por sua vez, o princípio básico que determina o próprio bem comum.

Quando falamos em socialismo, estamos falando sobre um novo conjunto de valores e princípios - valores e princípios que dão origem a uma forma específica de política. Esses valores têm sua origem na real natureza da nossa espécie: cooperativa, associativa, criativa e interdependente. São valores que veem o indivíduo de uma forma muito diferente das sociedades liberais: não como seres separados uns dos outros, como um átomo buscando a sua própria felicidade. Para o socialismo, indivíduos estão embutidos em umnexo de relações sociais - relações sociais que têm o poder de dar forma e moldar o indivíduo. O socialismo e a democracia, portanto, não estão simplesmente *relacionados* um com o outro: eles, na verdade, são *mutualmente constituídos* um do outro. Com isso, quero dizer que o socialismo é um projeto político que responsabiliza todas as formas de poder pelo interesse comum da comunidade como um todo. Seu princípio organizador é o de ordenar os nossos poderes para os fins que melhor desenvolvam e sirvam às nossas necessidades e nosso autodesenvolvimento.

Com o intuito de explicar melhor esta ideia e deixar clara a distinção radical entre os tipos de valores que encarnam o socialismo, quero explorar o que penso serem as facetas mais marcantes do caráter inerentemente democrático desse regime. Para isso, vou traçar o que chamo de três esferas do socialismo democrático - três esferas que, da forma como



vejo, constituem o principal núcleo da tradição socialista e da forma como o socialismo concretiza princípios democráticos em uma *forma concreta de vida*. A tese central é a de que cada uma dessas três esferas é interdependente das outras duas; cada uma delas precisa da outra para que o socialismo alcance sua mais plena e adequada expressão. Cada esfera se refere a uma dimensão distinta da realidade social e cada esfera possui um princípio próprio e relevante para organizá-la. A política do socialismo democrático é organizada ao redor dessas três esferas e princípios, e esses princípios não são o mapa da mina para uma sociedade ideal, mas ao contrário, são princípios que têm o poder de gerar a articulação de novas formas de realidade social e de manter em vista o que uma comunidade humana e livre deve buscar para que se torne real neste mundo.

Isso significa que essas esferas só são significativas na medida em que transformam formas de vida reais. Elas não são utópicas, visto que se destacam pelo que é possível, e não são reguladoras, no sentido liberal, já que são ideias pelas quais simplesmente batalhamos. Ao contrário, elas são o que chamamos de princípios geradores: têm a eficácia medida pelo tanto que surgem como reais no mundo. Elas insistem, portanto, em transformação. A ideia-chave é a de que as três esferas se combinam e se ajustam entre si e, assim, a ênfase em uma esfera às custas das outras não nos leva a lugar algum.

- II -

A primeira esfera que gostaria de considerar abrange as maneiras pelas quais organizamos as nossas relações materiais e econômicas uns com os outros e com o mundo natural. Podemos chamá-la de *esfera material* do socialismo democrático. Ela diz respeito às instituições econômicas, aos modos de se relacionar com o natural e às formas com que nós administramos e dirigimos as práticas criativas e laborais dos seres humanos. A esfera material pode ser organizada de acordo com os princípios de lucro e competição, ou pode ser organizada de acordo com o princípio da interdependência cooperativa. O primeiro princípio é aquele que deprecia a nossa individualidade e o segundo princípio oferece o contexto adequado para a realização e o aprimoramento dos nossos interesses em comum.



Primeiramente, começando com a crítica à economia, ao próprio capitalismo, e à abolição da servidão salarial como a primeira iteração do socialismo. Essa noção domina as ideias de muitos dos radicais do século dezenove e do início do século vinte. É caracterizada pelo princípio da transformação da estrutura econômica, não como redistribuição, mas como uma nova forma de práticas produtivas e fins de produção, que bastariam para uma vaga concepção de liberdade pessoal. Movimentos trabalhistas, portanto, lutaram pela extensão da democracia em uma esfera de vida econômica. Lutaram não apenas pela democratização do ambiente de trabalho, mas também pela democratização do próprio capital: o uso do capital para as necessidades sociais comuns ao invés de para a exploração. Expostos a formas duras e agudas de abuso e exploração, os movimentos de trabalhadores viam o trabalho como o eixo central de conflito na sociedade moderna.

Mas os movimentos socialistas de trabalhadores também descobriram que as formas modernas de vida de trabalho industrial expuseram uma verdade crucial e central sobre a vida humana: isto é, a nossa interdependência cooperativa um dos outros. O capitalista passou a ser visto como um controlador e um explorador, mas não como essencial para as formas modernas de produção social. O que o capitalismo fez foi transformar o que já era uma interdependência entre indivíduos em uma forma hierárquica de dependência de muitos em relação a poucos. O problema das sociedades de mercado capitalistas - em oposição a formas anteriores de sociedades que tinham mercados operantes - repousa na persistência de formas de dominação e exploração que fazem mais do que simplesmente extrair mais-valia de indivíduos e da sociedade. Mais marcante ainda é o jeito com que essas formas de poder são capazes de moldar e distorcer os nossos modelos de atividade interdependentes e cooperativos. Podemos chamar o princípio da primeira esfera do socialismo democrático material de *princípio da interdependência cooperativa*. De acordo com este princípio, nós deveríamos ver em todas as atividades econômicas um sistema fundamental e essencial de interdependência cooperativa. O princípio da interdependência cooperativa é direcionado às realidades que persistem na produção material e na organização de sociedades capitalistas essencialmente enraizadas no princípio duplo da instrumentalidade e da exploração. Eles descrevem os caminhos pelos quais as relações econômicas direcionam, ou talvez fosse melhor dizer mal direcionam, as



capacidades e os poderes dos membros da comunidade.

O princípio da interdependência cooperativa destrói a lógica instrumental-exploratória da vida econômica moderna. A sociedade capitalista é um modo defectivo de organização social basicamente porque cria relações de dependência entre pessoas - especificamente entre classes e grupos sociais diferentes. O poder de indivíduos particulares de decidirem como empregar e organizar a nossa força cooperativa de trabalho, criatividade, dentre outros, permite direcioná-los para fins e propósitos que meramente expandem o lucro e a mais-valia. Eles não buscam um benefício social para o todo ou tampouco para o desenvolvimento do indivíduo. Ao contrário, o nosso trabalho, a nossa criatividade (considerando que de alguma forma foi desenvolvida) são mal direcionados para *seus* projetos e *suas* intenções. Isso cria meios de dependência com o intuito de tirar proveito (na forma de lucro ou de outros serviços) dos outros, mas também torna normal a instrumentalidade de seres humanos - nós acabamos aceitando que sejamos usados para o benefício dos outros. Isso é mais do que um abuso do vínculo social; é a deformação das atividades cooperativas e interdependentes de nossa associação com outras pessoas.

Que ninguém se engane: a exploração não precisa ocorrer somente dentro dos "moinhos satânicos" da era industrial. A exploração ocorre toda vez que determinada pessoa depende de um salário em troca do lucro de outra; toda vez que determinada pessoa adota normas de gasto e consumo que são requisito para a expansão do lucro; e toda vez que nós aceitamos a existência de pessoas com bilhões acumulados por meio da longa cadeia de produção e consumo do trabalho de outros. A exploração é uma forma de extração: é uma relação social que permite tirar de um para maior benefício de outro. É um sistema de relações marcado não pela *interdependência*, mas pela *dependência*; permite que alguns consumam e dirijam a riqueza gerada por todos.

A interdependência cooperativa é fortemente diferente da dependência extrativa, uma vez que elimina as formas de parasitismo e comando que caracterizam a sociedade capitalista. Como o socialismo tem em conta a vida humana como substância social essencial - quer dizer, os recursos relacionais e associativos da existência humana -, ele vê o sistema capitalista de vida econômica e social como uma aberração, como a corrupção da nossa interdependência humana. O socialismo entende o controle privado da força coletiva de



trabalho social e a riqueza produzida por esse controle não apenas como uma injustiça moral, mas, mais importante ainda, como uma degradação dos próprios propósitos de nossa vida em comum.

O duplo problema de exploração e instrumentalidade levaram não apenas a grandes desigualdades de riqueza e poder nas sociedades modernas, mas também à alienação e à degradação de nossas capacidades como indivíduos. Enquanto a esfera material da vida for dominada por esses princípios, não haverá lugar para a emancipação plena da sociedade e, portanto, do indivíduo. O socialismo insiste na democratização de todas as formas de vida, de todas as formas de relações sociais. O que o socialismo busca é a responsabilidade democrática das nossas forças sociais e produtivas; e isso depende da expansão da riqueza social democrática e da erosão e consequente eliminação da riqueza oligárquica. E ele busca fazer isso porque, sem isso, o desenvolvimento pleno da humanidade continuará a ser direcionado e utilizado pelas forças de outros. É um anátema para a compreensão de qualquer democracia.

-III-

A compreensão de que qualquer consideração democrática da economia é um princípio central e necessário para caracterizar a primeira esfera do socialismo democrático. O poder material é, afinal de contas, a fonte primária para o poder político e social. Em essência, esse princípio está, na verdade, alinhado dentro de uma tradição mais ampla da política ocidental, a do *republicanismo*, uma forma específica de instituições políticas desenhadas para maximizar a liberdade dos cidadãos, interpretada como a auto-administração do interesse comum de toda a comunidade. É o bem comum, portanto, o conceito central da tradição socialista que busca uma reorganização da sociedade de acordo com as diretrizes de autogoverno e a ausência de qualquer forma de subordinação, controle ou dominação.

A segunda esfera do socialismo democrático, portanto, pode ser definida como a *esfera política*: ou seja, a esfera de relações do poder social que vão além da vida de classe e econômica. O liberalismo moderno é perspicaz em separar igualdades baseadas em



oportunidades e respeito a qualquer tipo de igualdade substantiva em termos materiais ou econômicos. Mas isso só acaba garantindo uma espécie de liberdade frágil e insuficiente. Nesse sentido, o problema político é aquele cuja origem está não apenas em nossa vida econômica, mas também em *qualquer esfera de atividade em que alguns têm poderes não controlados sobre qualquer outro indivíduo ou grupo*. Assim, a vida política busca combater e eliminar a capacidade para subordinação, exclusão e dominação; o poder para que outras pessoas ou grupos possam direcionar suas atividades, escolhas ou valores e normas. O socialismo democrático é, portanto, tão comprometido com os princípios da não subordinação e da inclusão que sempre esteve no coração da luta pelos direitos civis modernos e pelos direitos humanos. É um complemento essencial para a esfera material descrita acima, que surgiu durante a sociedade industrial do século dezenove.

O princípio que surge desta esfera é o da não dominação, definido principalmente como o impedimento de que alguém controle, subordine ou dirija as atividades, o trabalho e as escolhas sociais de outrem, bem como as normas e valores que regem a comunidade. O princípio da não subordinação ou da não dominação é, ele próprio, fundado em ideais desenvolvidos pela esfera material: de que a sociabilidade humana deveria ser padronizada de acordo com o princípio da interdependência cooperativa, que não deveria haver nenhum tipo de poder, ou riqueza controlada por alguma pessoa ou corporação que lhes permita controlar, moldar, orientar ou direcionar o comportamento ou o curso de vida de alguém de acordo com seus interesses ou benefícios particulares. No entanto, embora a riqueza seja certamente a fonte primária e mais robusta para o poder social e a dominação, não é o *único* meio pelo qual a dominação social pode ser exercida.

Uma sociedade democrática em seu sentido completo, ou seja, no sentido socialista do termo, teria que maximizar a extensão na qual relações de subordinação e dominância são atenuadas e extintas. Assim como na esfera material quem controla o capital deve ser controlado, na esfera não material aqueles que têm o poder de usar os outros para seus próprios fins e da forma como acham melhor, aqueles que rebaixam os outros, aqueles que excluem os outros, devem prestar contas ao poder público. Uma sociedade que é verdadeiramente interdependente também deve ser *solidária*. A capacidade de qualquer grupo de subordinar, controlar ou excluir os outros - por motivos de raça, gênero ou



qualquer outro - deve ser o foco do princípio da não subordinação e da não dominação. Seu objetivo não é, no entanto, um princípio liberal abstrato de liberdade negativa ou uma "igualdade de oportunidades". A articulação socialista desse tipo de não dominação tem em vista o cultivo e a manutenção de um mundo social que é cosmopolita em sua solidariedade - em outras palavras, um mundo em que a diversidade não é menos harmoniosa em um todo social mais rico e satisfatório.

O oposto disso não é difícil de entender. Exclusão e subordinação por raça, gênero e outras formas de diferença impregnam o nosso mundo. O socialismo leva em conta essas relações de poder, mas, para permanecer democrático, também insiste no estabelecimento de uma forma constitucional republicana ao invés de uma visão anárquica de autoadministração comunitária. Essa lição foi aprendida pelos socialistas democráticos do início do século vinte, como Karl Kautsky, Jean Jaures, Leon Blum. Tais socialistas não foram tentados pelas táticas jacobinas do leninismo. Eles perceberam que a democracia tinha que ser mantida através de formas constitucionais e republicanas; que a democracia significava participação cívica mesmo que também significasse socialização do capital. Eles insistiram em uma extensão igual de direitos para todos, muito embora continuassem buscando a democratização da riqueza da sociedade. O radicalismo do socialismo democrático não está em seu romancismo, mas em sua maturidade política. Instituições republicanas preservam a habilidade do *demos* para, nas palavras de Henry Patcher, "controlar os controladores". Nem o populismo, nem o anarquismo e nem o leninismo provêm a estrutura para uma forma genuína de vida democrática - já o republicanismo sim.

A política moldada por esse tipo de princípio propiciaria uma evolução das instituições de governo, do constitucionalismo e do direito para uma nova fase de desenvolvimento, ao invés de buscar erradicá-los em algum tipo de esquema anárquico utópico. O poder político sempre será necessário para proteger os bens comuns e o interesse público. A interdependência cooperativa anda de mãos dadas com o princípio da não subordinação e da não dominação. São princípios duplos de uma forma de comunidade que propiciaria um rico contexto para a emergência de um novo modelo de individualidade e um novo modelo de cultura. Tais modelos, por sua vez, surgiriam de uma "nova ordem legal e social, não mais baseada em interesses privados, mas em interesses ancorados em



uma solidariedade social².

-IV-

Isso me leva agora à esfera da cultura e do ser, à esfera do indivíduo. A organização econômica da sociedade e a arquitetura política do poder também definem o contexto para o desenvolvimento do indivíduo, e o tipo de ser e personalidade que ele apresenta. Os princípios interligados de cooperação e não dominação que eu desenvolvi acima estão, portanto, conectados com uma terceira e crucial ideia: a do *princípio da autorrealização*.

Essa terceira esfera do socialismo democrático, portanto, se refere à *cultura*, à esfera de potencialidades e capacidades que aumentam ou sufocam o desenvolvimento do indivíduo. Nessa esfera, a importância do indivíduo e a necessidade de uma autoexpressão criativa são fundamentais. Isso surge em diferentes períodos da nossa tradição - das ideias de Marx sobre a não alienação do trabalho ao experimentalismo estético da arte do início do século vinte e à experimentação cultural dos anos 1960. Essa esfera dá ênfase à libertação da subjetividade e de uma nova forma de individualidade. Uma reação não apenas ao vazio da sociedade afluyente, mas também ao conformismo normativo do capitalismo administrativo, inevitavelmente levou a excessos desse movimento em detrimento das duas primeiras esferas durante a contracultura dos anos 1960. Mas os anseios por uma nova individualidade que transcendesse e acabasse com as categorias da cultura liberal e suas formas impostas de identidade e significado é um aspecto crucial do projeto socialista democrático.

Certamente não é difícil perceber que o princípio da autoexpressão e da individualidade está interligado com os dois outros princípios: o da cooperação e o da não dominação. O propósito de uma sociedade socialista não é expandir o estado de bem-estar social para redistribuir riqueza, etc. É reformar o mundo social para que ele possa expandir o horizonte do indivíduo. Como disse Oscar Wilde certa vez: "Entendo por perfeito o homem

² Max Adler, *Neue Menschen. Gedanken über sozialistische Erziehung*. (Berlin: E. Laub'sche Verlagsbuchhandlung, 1926), 51-52.



que se desenvolve em condições perfeitas; aquele que não está ferido, mutilado, preocupado ou em perigo"³. Se as nossas relações sociais permanecem marcadas pela exploração, instrumentalidade, subordinação e exclusão, nossa individualidade também permanecerá rasa, vazia e enfadonha. O narcisismo desapegado, a alienação, o niilismo ético e a conformidade mecânica continuará a ser a maior parte do ser - a individualidade continuará a regredir para um atomismo estéril e inerte.

Mas de um ponto de vista histórico, também está claro que a ênfase no ser se desenvolveu de forma mais robusta ao longo do tempo. Do século dezenove ao século vinte, pintores como Cezanne e Kandinsky, poetas como Whitman e Mallarme, além de outros, buscaram uma expansão dos nossos poderes subjetivos de experiência. A ênfase em uma forma espontânea e criativa de subjetividade registrava o choque do mundo técnico - um mundo em que a humanidade se degenerava em mero instrumento de outros. O impulso para a autoexpressão ressurgiu, após as crises da depressão capitalista global e da segunda guerra mundial, nos movimentos de contracultura dos anos 1960. Nesse momento, a repulsa em conformar-se com a vida cotidiana e o vazio ocioso da "sociedade afluyente" moldou-se em uma intensa consciência de expansão da experiência estética, de exploração da sexualidade e diferentes formas de cultura. No auge da afluência social, era necessário algo mais. Foi apenas com as contrarrevoluções neoliberais dos anos 1980 que essa riqueza social foi melhor redistribuída e uma cultura de conformação restrita voltou à cena. Estamos dominados por essa cultura desde então.

Em contraste a tudo isso, um conceito socialista de individualidade é aquele em que cada um se vê entrelaçado com o outro; que o bem do indivíduo ocorre em função do bem da comunidade como um todo; que a liberdade do ser é coordenada com a liberdade dos outros. Isso também quer dizer que o indivíduo enxerga suas relações com esse tipo de sociedade de forma diferente. Distante de estar sobrecarregada por obrigações sociais, ou fugindo para o pequeno mundo da sua privacidade, a individualidade expandida enfrentará novas obrigações e interesses ao contribuir com a riqueza comum da comunidade. Essa nova consciência será o resultado de uma forma de sociedade que se organize pelas necessidades e pelo desenvolvimento humano. A individualidade será expandida, cooperativa e

³ Oscar Wilde, "The Soul of Man Under Socialism." In *Selected Critical Prose*. (London: Penguin, 2001), 134.



socializada. A privacidade não deve desaparecer, mas não será mais um escape de formas corrosivas de trabalho e competição. A privacidade será uma esfera para o enriquecimento pessoal que, no momento certo, será empregado também para o enriquecimento de outros.

Hoje, é possível perceber que a cultura capitalista erodiu os poderes da personalidade. Experimentação, investigação, curiosidade - todos parecem ter retrocedido em um miasma de hiperconsumismo e superestimulação. O tédio que ainda persiste e se aprofunda pode ser contido por vários meios: a cultura mercantilizada oferece distrações, drogas, exploração de identidades, e esses são apenas alguns exemplos de como uma forma autêntica de individualidade é frustrada. A concepção socialista da personalidade e do indivíduo se diferencia, no entanto, de como ela é desenvolvida em sua forma mais rasa, no capitalismo de consumo. O princípio da autorrealização pode ser entendido agora não como a culminação das duas esferas anteriores, mas sim como a esfera que oferece dimensão e profundidade a elas.

Agora, já podemos perceber que uma vez compreendido o princípio da autorrealização, depreendemos imediatamente os princípios da interdependência cooperativa e da não dominação. O bem comum de toda comunidade é valorizado sempre que cada um de seus membros contribui com ela, por meio de suas capacidades completamente desenvolvidas; mas isso só é possível se aquela comunidade tenha sido organizada para esse propósito desde o início. A verdadeira individualidade é, portanto, o princípio vital de todos os outros. Sem ela, as outras esferas perdem valor e se transformam em mero vestígio de instituições - estruturas de regras administradas de forma antiquada que carecem de seu conteúdo genuinamente humano. A verdadeira individualidade é aquela que absorve todos os outros princípios anteriores. O indivíduo genuíno - em oposição à mera pessoa privada - está ciente de que as esferas material e política são substratos essenciais para o seu próprio autodesenvolvimento e liberdade.

Uma nova forma de consciência cívica e cidadania, portanto, ganha raízes a partir do momento em cada um enxerga a estrutura da sua própria liberdade como dependente da inteligência moral e da mentalidade cívica dos outros. A solidariedade se transforma não em um mero moralismo, mas em um meio concreto de refletirmos nossos fins comuns e as relações com os outros. Um meio de refletirmos o quanto a nossa individualidade não é



limitada, mas expandida, como resultado de um tipo de solidariedade que emerge quando relações sociais desgastadas da sociedade capitalista são transformadas em relações cooperativas e não subordinadas de interdependência dignas de uma associação entre iguais. Esse tipo de solidariedade é tanto o produtor quanto o produto de indivíduos fortes; é a pedra angular da abóbada da emancipação humana.

Tal definição encontra-se em total contraste com as formas defectivas de "individualidade" articuladas pelo capitalismo liberal. A individualidade radical não é uma forma extrema de autossuficiência ou de independência. O direito de fazer tudo o que possa ser feito não é parte do imaginário desse tipo de individualidade. No centro do capitalismo, está a força centrífuga de desintegração social, já que os laços sociais estão desgastados e dilacerados pela desigualdade, pelo indivíduo atomizado e pelo controle hierárquico. A alienação que resulta dessas relações sociais petrificadas pressionam o ser a uma forma de vida agressiva, ansiosa, depressiva e sem sentido. "Não surpreende", escreveu Adam Schaff, "que o indivíduo sinta-se ameaçado, inseguro e assustado quando ele não se percebe unido de forma organizacional com a sociedade e, conseqüentemente, encontre-se sozinho e isolado"⁴.

Ao contrário, um indivíduo formado pelos princípios da cooperação interdependente e da não subordinação das relações sociais busca contribuir para o interesse em comum. Como disse Herbert Spencer: "O homem final da evolução será aquele cujas exigências particulares coincidam com as necessidades públicas. Será a espécie de homem que, espontaneamente realizando a sua própria natureza, desempenha ao mesmo tempo as funções de uma unidade social; e, no entanto, só é capaz de cumprir a sua própria natureza se todos os outros fizerem o mesmo"⁵. O desdobramento dos poderes do indivíduo, como os de criatividade e de experimentação, servirá apenas para aprimorar mutuamente os outros e, da mesma forma, o próprio indivíduo. Com a ausência de um poder privado para controlar e desorientar o desenvolvimento e as capacidades das outras pessoas, surge um novo *ethos* social em que o indivíduo enxerga a obrigação de aumentar e expandir os recursos de bens comuns que produziram a sua própria autorrealização. Ao mesmo tempo,

⁴ Adam Schaff, *Marxism and the Human Individual*. (New York: McGraw Hill, 1970), 12.

⁵ Herbert Spencer, *Social Statics*. (London; Williams and Norgate, 1868), 483.



essa individualidade não vai tratar os outros como fins, mas como meios. Movimentos contemporâneos pela legalização da prostituição ou dos narcóticos são algumas das expressões perversas desse tipo defeituoso de individualidade que transforma o modelo libertário do empreendedor e da propriedade privada em algo mais exagerado. Esse não é o tipo de individualidade que o socialismo busca. Ao contrário, o socialismo vê os fins e propósitos humanos a partir de um horizonte muito mais amplo.

- V -

Agora que já explorei as três esferas do socialismo democrático e os três princípios dele originários, é possível articular uma compreensão mais coerente entre seus princípios e suas políticas. Considere o argumento de que a ênfase em apenas um ponto desse conjunto entrelaçado de esferas e princípios resultará na deformação do projeto socialista, e não em sua fruição. Não podemos compreender a luta de classes, raça ou gênero como se existissem fora do escopo dessas três esferas. É claro que o respeito por todos é um objetivo válido; mas sua essência perde sentido quando as relações de poder da comunidade permanecem hierárquicas e capturadas pela lógica da exploração e da acumulação. A redistribuição da riqueza também pode parecer um fim louvável a se perseguir, mas a transformação social também requer que o contexto social-relacional da comunidade substitua a produção que busque o lucro pela produção que busque as necessidades sociais. E, é claro, as conquistas das lutas raciais ou de gênero não podem ser abandonadas; mas elas não farão muito para prevenir a cultura do capital de explorar novas comunidades ou simplesmente expandir a estrutura do *status quo*.

Os três princípios abarcados acima devem, portanto, ser interligados uns aos outros. Qualquer tentativa de enfatizar uma das esferas ao custo de outra resultará em fracasso - político e cultural. O que precisa ser compreendido é que as três esferas constituem, juntas, uma política que transcende qualquer uma delas de forma independente. Temos que ir além dos objetivos de redistribuição e de expansão de benefícios de bem-estar social, tais quais saúde universal e educação universitária gratuita. Esses objetivos até mantêm o capital onde



ele deve estar; mas não fazem nada pela ampliação dos valores da democracia socialista e não fazem nada pela transformação das nossas relações sociais e das nossas agendas.

O erro que os movimentos de esquerda cometem muito frequentemente é privilegiar uma ou duas das três esferas ao custo das outras. Enfatizar a esfera material deixa de fora aspectos importantes de outras formas de dominação social e subordinação e, ao mesmo tempo, não diz nada sobre o desenvolvimento do ser e da cultura. De forma similar, enfatizar a subordinação de raça e de gênero sem fazer menção à esfera material nos deixa com um liberalismo formal que mantém a força do capital e da exploração intocadas. E sempre que esquecemos da expansão do ser e da individualidade, não fazemos nada para nos proteger de sermos esmagados e desumanizados em prol da utilidade do todo.

Mas em uma democracia real, uma democracia que adentra profundamente em todos os aspectos da sociedade, o socialismo democrático tem um efeito diferente no indivíduo e na sociedade em geral. Uma sociedade cooperativa de iguais encoraja a criatividade e a inventividade, e tanto o indivíduo quanto as associações são melhores por causa disso. Como Matthew Arnold muito bem observou: "É possível negar que viver em uma sociedade de iguais faz com que, em geral, o espírito do homem se expanda, e suas faculdades mentais funcionem melhor e mais facilmente; enquanto viver em uma sociedade de superiores... faz com que os espíritos sejam domados e suas faculdades mentais sejam menos ativas e confiáveis? É possível negar que ser brutalmente apagado, ser profundamente insignificante tem, em geral, um efeito deprimente e entorpecente sobre a pessoa?"⁶.

Tudo isso pretende destacar o que considero uma tese central e, de fato, crucial: a essência democrática do socialismo deve ser construída através da interdependência das três esferas e princípios que explorei acima: tomados em conjunto, os princípios da interdependência cooperativa, da não subordinação e da autorrealização são o buraco da agulha em que as nossas ideias políticas e morais devem passar. O *ethos* socialista busca maximizar a interdependência cooperativa das nossas relações com os outros; e busca isso não como um fim em si, mas sim porque esse é o contexto fértil em que o indivíduo pode se realizar e se humanizar por completo. Ele também busca colocar as necessidade humanas

⁶ Matthew Arnold, "Democracy" *apud* Lionel Trilling (ed.) *The Portable Matthew Arnold*. (New York: Viking, 1949), 443.



no centro de todas as atividades e instituições. O socialismo entende que o principal propósito de vivermos juntos é a expansão da nossa liberdade comum pela ampliação dos nossos poderes cooperativos; que o propósito desses poderes é engrandecer a riqueza comum da comunidade; e que a riqueza comum da comunidade é nutrir o autodesenvolvimento do indivíduo.

O progresso não é medido em termos de destreza técnica ou de acumulação de riqueza ou propriedade. Ao contrário, é medido pela expansão da dignidade humana, da criatividade e do florescimento das capacidades do indivíduo. Essa nova estrutura de valores ajuda a manter em foco os fins e propósitos de nossos trabalhos e associações com outras pessoas. A ciência e a tecnologia não serão restringidas por tal sociedade, mas emancipadas por um propósito maior: a ampliação da potencialidade humana. Aliada aos interesses do capital, a tecnologia tem efeitos amplamente destrutivos: na natureza, em nossas relações sociais e em nossa saúde física. Somente quando a ciência e a tecnologia buscarem a necessidade social, e não o lucro ou o controle, elas serão humanizadas. A manipulação técnica da sociedade moderna e do mundo natural perpetuam a lógica exploradora e extrativista do próprio capital. É uma lógica regressiva e desumanizadora que deve ser radicalmente alterada.

Aqueles que se opõem e criticam veementemente esses tipos de valores, que alertam para a involução social se eles forem colocados em prática, e que procuram defender a realidade atual a todo custo, na verdade têm medo de sua própria liberdade. Essas mentes mesquinhas refletem uma mente conformada com a lógica legitimadora das hierarquias que dominam nosso mundo. Esse pensamento deve ser rejeitado. Na verdade, se Mihailo Marković estava certo ao dizer que "uma mente que desenvolve consciência sobre o futuro dirige o homem em sua crítica do presente"⁷, então devemos entender que os princípios do socialismo democrático não são meras ideias abstratas, mas prescritivos dos tipos de política e formas de vida que queremos tornar reais no mundo. Os movimentos sociais que assumem a bandeira do socialismo encontrarão nessas três esferas e princípios uma rica estrutura para a construção de uma nova sociedade. A luta social continua porque o mundo ainda não se tornou racional, ainda não se tornou humano. Talvez por isso todos

⁷ Mihailo Marković, *From Affluence to Praxis: Philosophy and Social Criticism*. (Ann Arbor, MI: University of Michigan Press, 1974), 5.



ainda sejamos herdeiros das palavras de Gracchus Babeuf: “Que finalmente chegue ao fim este grande escândalo em que nossos descendentes se recusarão a acreditar! Deixem as terríveis distinções entre ricos e pobres, grandes e pequenos, senhores e servos, governantes e governados finalmente desaparecer.”⁸

Tradução

Cauê Marques, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: cauemarkes@hotmail.com

Revisão

Lucas Dias, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: olucasdias@gmail.com

References

Max Adler, *Neue Menschen. Gedanken über sozialistische Erziehung*. (Berlin: E. Laub'sche Verlagsbuchhandlung, 1926), 51-52.

Oscar Wilde, “The Soul of Man Under Socialism.” In *Selected Critical Prose*. (London: Penguin, 2001), 134.

Adam Schaff, *Marxism and the Human Individual*. (New York: McGrae Hill, 1970), 12.

Herbert Spencer, *Social Statics*. (London; Williams and Norgate, 1868), 483.

Matthew Arnold, “Democracy” apud Lionel Trilling (ed.) *The Portable Matthew Arnold*. (New York: Viking, 1949), 443.

Mihailo Marković, *From Affluence to Praxis: Philosophy and Social Criticism*. (Ann Arbor, MI: University of Michigan Press, 1974), 5.

Gracchus Babeuf, “Manifeste des Égaux.” apud Maxime Leroy (ed.) *Les Précurseurs Français du Socialisme de Condorcet à Proudhon*. (Paris: Éditions du Temps Présent, 1948), 65.

⁸ Gracchus Babeuf, “Manifeste des Égaux.” apud Maxime Leroy (ed.) *Les Précurseurs Français du Socialisme de Condorcet à Proudhon*. (Paris: Éditions du Temps Présent, 1948), 65.

